



MONOTEÍSMO INCLUSIVO: UMA CONCEPÇÃO DE DEUS NO TEXTO LIBELLUS V — DE HERMES AO FILHO TAT – CORPUS HERMETICUM¹

Inclusive monotheism: a conception of God in the text Libellus V — From Hermes to the Son Tat – Corpus Hermeticum

Luiz Temóteo Schwanz²

Resumo:

A presente pesquisa visa fazer um estudo comparativo no âmbito das histórias das religiões do antigo oriente e do mediterrâneo. Especialmente o tratado V do *Corpus Hermeticum*, no qual Hermes Trismegistos fala de Deus para o seu Filho Tat. Na pesquisa realizada no âmbito de um monoteísmo inclusivo, é possível perceber que a visão religiosa e de mundo neste tratado sobre Deus é correlato com enunciados sobre Deus no monoteísmo judaico-cristão, persa e até no islã. Trata-se de um monoteísmo que mesmo sendo consolidado como tal, ainda considera e percebe concepções henoteístas, ou seja, politeístas. Este trabalho busca esclarecer brevemente conceitos do estudo das religiões como monoteísmo (inclusivo), monolatria, henoteísmo e politeísmo. Com impulsos de uma perspectiva de monoteísmo inclusivo, isto a partir da bíblia hebraica e da tradição judaico-cristã numa exegese comparativa, na qual se percebe a perspectiva deste conceito em relação ao tratado V do Corpus Hermético.

Palavras-chave: Corpus Hermeticum. Monoteísmo Inclusivo. História das Religiões.

Abstract:

This research aims to make a comparative study within the framework of the histories of the religions of the Ancient East and the Mediterranean. Especially treatise V of the *Corpus Hermeticum*, in which Hermes Trismegistos speaks of God to his Son Tat. In the research carried out within the framework of an inclusive monotheism, it is possible to see that the religious and world view in this treatise on God correlates with statements about God in Judeo-Christian, Persian and even Islamic monotheism. It is a monotheism that, even though it is consolidated as such, still considers and perceives henotheistic conceptions, in other words, polytheistic ones. This paper seeks to briefly clarify concepts from the study of religions such as monotheism (inclusive), monolatry, henotheism and polytheism. With impulses from a perspective of inclusive monotheism, this from the Hebrew Bible and the Judeo-Christian tradition in a comparative exegesis, in which the perspective of this concept is perceived in relation to treatise V of the Hermetic corpus.

Keywords: Corpus Hermeticum. Inclusive monotheism. History of Religion.

¹ Enviado em: 30.10.2023. Aceito em: 19.12.2023.

² E-mail: luizmeister@gmail.com.

Introdução

As mais diversas religiões possuem em suas cosmovisões imagens de Deus, deuses e deusas. Este artigo é para mim, como estudioso do Antigo Testamento e as religiões do Antigo Oriente, em especial o Zoroastrismo, por um lado, desafiador. Por outro lado, é um tema relevante para entender um pouco mais acerca das religiões do mediterrâneo. O Artigo busca entender concepções inclusivas de um monoteísmo já em andamento no Texto do *Corpus Hermeticum*, em especial no Livro V, onde se desenrola um discurso entre Hermes Trigéstimus ao Filho Tat sobre Deus, isto é, um discurso sobre Deus (*Genitivus Objectivus*).

A primeira parte dos versos de 1 até 6 relatam sobre Deus, sua unicidade, soberania, realeza e Deus como Criador. Muitas destas características, são, no entanto, conhecidas de nossa concepção de Deus a partir do ponto de vista judaico-cristão, como o Deus “Pai Criador”. É uma percepção monoteísta! Por outro lado, um monoteísmo inclusivo é o que está sendo fomentado neste discurso, o qual também pode ser encontrado em alguns textos do Antigo Testamento.

Definindo conceitos

Monoteísmo

Nos estudos das religiões denomina-se monoteísmo, onde a divindade é cultuada e adorada e que se parte da premissa da existência em sentido ontológico e ôntico de um único Deus. O qual por sua vez, é o Deus verdadeiro e tudo o que se encontra fora deste cosmo visão seria uma falsa religião. Distingue-se então entre a falsa e a verdadeira religião! A verdadeira conta com a fidelidade e a verdade em relação ao único e verdadeiro Deus, ao passo que a falsa religião é a religião de outrem, a religião alheia ou alienígena e por isto é caracterizada como não legítima.³

Politeísmo

O politeísmo é uma visão de mundo, na qual o mundo dos deuses e das deusas imita o universo dos seres humanos.⁴ Neste sentido as divindades se estruturam de forma familiar, hierárquica e cada divindade possui um atributo e uma função.⁵ Nós conhecemos o politeísmo em antigas civilizações, especialmente da Mesopotâmia, Egito, Grécia e Roma antigas. No sistema religioso, no qual o politeísmo é fomentado, existe também o *sumodeísmo*, ou seja, onde um Deus maior com os atributos qualitativos como grande e rei estão preponderantemente presentes. Conta-se com a existência de um *Sumus Deus*, ou seja, um Deus superior às outras divindades como *El* em Ugarit, *Marduk* na Babilônia, *Assur* na Assíria ou *Zeus* na antiga Grécia. No sistema politeísta podemos ver outras variações de como se dá este Politeísmo, a saber: Monolatria e henoteísmo.

³ ASSMANN, Jan. *Monotheismus der Treue. Korrekturen am Konzept der “mosaischen Unterscheidung” im Hinblick auf die Beiträge von Marcia Pally und Micha Brumlik*, Berlin, Berlin University Press, 2014, p. 252.

⁴ STOLZ, Fritz. *Einführung in den biblischen Monotheismus*, Darmstadt, wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1996/2005, p. 36.

⁵ BOWES, A. Wendell. The basilomorphic conception of deity in Israel and Mesopotamia, in: YOUNGER, Lowson K. Et al. *The biblical canon in comparative perspective*. New York, Edwin Melle Pr, 1991, p. 235-275; STOLZ, 1996, p. 36.

Monolatria

Na monolatria admite-se a existência de uma Divindade particular, um ser transcendente, cuja qualidade é de uma divindade nacional. No entanto, a existência de outras divindades não é em si negada de forma ontológica e as divindades de outrem não tem implicação alguma em relação a divindade adorada por esta ou aquela pessoa; Por isso os enunciados como “o nosso Deus” e o “deus deles” ou “o meu Deus e o “seu deus” se encontram frequentemente neste discurso, o qual também é denominado de monoteísmo particular.⁶ No Antigo Testamento podemos perceber, mesmo que sutilmente, que este sistema religioso em alguns textos como: Gn 31:53; Ex. 20: 3; Dt. 5: 7; 1Sm 26: 19; 2Reis 5: 17s; Mq 4: 5; Rute 1: 15-16, também outros como na novela de Jonas.

Henoteísmo

Outro sistema religioso conhecido como henoteísmo se caracteriza pela cosmovisão de que as divindades estão organizadas em um Panteão, no qual uma divindade superior rege, (*sumodeísmo*), enquanto há outras divindades hierarquicamente inferiores. O henoteísmo geralmente é organizado em formato de uma família. Neste sistema religioso politeísta, não significa que uma divindade será a reinante ou superior para sempre. Dependendo da relação pessoal que um rei terreno tiver com uma determinada divindade, uma divindade que outrora era a superior pode ser destronada e outro ocupar o seu lugar.⁷ Um rei terreno pode, por outro lado, entronizar outra divindade, como sua divindade pessoal, a qual passa a ser então a divindade territorial, nacional e tornar se a divindade que a partir de então rege e reina o panteão dos deuses e das deusas. Um exemplo clássico é o do rei neobabilônico, Nabonido que deixa de ser devoto ao deus Marduk e introduz o culto à Sin, uma divindade lunar.⁸ Henoteísmo, no entanto, é uma forma, na qual as divindades se organizam na forma de um panteão, no qual existe um deus magnânimo e supremo. Este por sua vez é rei soberano e o maioral sobre as divindades a ele subalternas. Geralmente nos textos do antigo oriente, nos quais é apresentada esta cosmovisão e sistema religioso, isso acontece na forma de um hino.

Quando se trata de monoteísmo, muitas vezes as percepções dos tempos de outrora ainda estão presentes em algumas cosmovisões religiosas do antigo oriente e do mediterrâneo. Na tradição religiosa judaico-cristã, o monoteísmo é datado como um produto do Exílio Babilônico, especialmente nos escritos do assim chamada Dêutero-Isaías (40-55).⁹ O monoteísmo, no entanto, pode ser exclusivo ou inclusivo. Exclusivo, porque se tem a ideia de um Deus exclusivo em relação à

⁶ KOCH, Klaus. *Vom Mythos zum Monotheismus im alten Israel in: ders., Der Gott Israels und die Götter des Orients. Religionsgeschichtliche Studien 2 (FRLANT 216)*, Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht 2007, p. 321-356. Especialmente página 347ss; Keel, Othmar. *Die Geschichte Jerusalems und die Entstehung des Monotheismus. Orte und Landschaften der Bibel. Band IV, Teile 1 und 2*, Vandenhoeck & Ruprecht, Göttingen, 2007, p. 755ss.

⁷ FELDMEIER, Reinhard; SPIECKERMANN, Hermann. *Der Gott der Lebendigen. Eine biblische Gotteslehre, Topoi Biblischer Theologie 1*, Mohr Siebeck, Tübingen, 2011, p. 92.

⁸ ALBANI, Mathias: *Deuterocesajas Monotheismus, 171-201 in: Oehming-Schmid, Der eine Gott und die Götter: Polytheismus und Monotheismus im antiken Israel, anhandlungen zur Theologie des Alten und Neuen Testaments*, Band 82, Theologischer Verlag Zürich, 2003, p. 171ss.

⁹ Dêutero Isaías, em especial 43.10-13, um monoteísmo se torna perceptível. C.f. Vorländer, in: LANG, Bernhardt. (Hg). *Der einzige Gott*. München, Kösel, 1981, p. 47-83; ou ainda a ideia de que a conversão dos exilados neste “novo povo de Deus” ocorreu o “nascimento” do monoteísmo. VORLÄNDER, Hermann. *Ist Gott gerecht? Theodizee und Monotheismus im Alten Testament unter besonderer Berücksichtigung der Theologie Deuterocesajas*. Peter Lang, 63, Berlin, 2020, p. 55.

um povo, até mesmo com dimensões universais. Este exclui e não considera outras possibilidades e visões de mundo. Monoteísmo inclusivo, como o termo *per se* mesmo diz, é uma forma de ver o Mundo e o mundo das divindades com mais amplitude e abertura para com outras visões de mundo existentes.

Como este artigo visa fazer uma leitura hermenêutica comparativa do texto do *corpus hermeticum V* com uma visão de mundo de um monoteísmo inclusivo, cujo também pode ser percebido em texto veterotestamentários. Pretendemos no passo a seguir entender e esclarecer brevemente o que significa “monoteísmo inclusivo” na perspectiva veterotestamentária, assunto que se discute há décadas em alguns países de língua alemã e inglesa do hemisfério norte de nosso planeta, e que, no entanto, para nosso contexto parece ser algo novo.

Monoteísmo inclusivo

Quando falamos de monoteísmo inclusivo, nos parece obvio, de que estamos falando de uma forma de pensamento religioso que inclui. O termo monoteísmo em si tende a geralmente nos levar a um pensamento exclusivista. O que é então monoteísmo inclusivo? O monoteísmo inclusivo, tal como ele se dá, nos parece ser uma grandeza que floresce nos tempos tardios da história de Israel e de seu fenômeno religioso. No tocante à pesquisa religiosa no âmbito das ciências das religiões e da história de Israel, respectivamente Palestina, nos quer mostrar que o “monoteísmo inclusivo” é uma premissa da época persa e vice e versa.

O ponto de partida do pensamento monoteísta ainda numa cosmovisão politeísta, deve ser dado a partir do período do primeiro templo. Neste período na história das religiões de Israel/Palestina reinam os deuses e as deusas, como divindades pessoais, familiares, nacionais e até regionais. Como dito anteriormente, em sistemas politeístas monolátricos e henoteístas. Neste sentido, é apresentado um panteão, o qual é regido por uma divindade real (rei ou rainha dos céus).¹⁰

Ao lado da divindade maior, normalmente masculina reina sua esposa/consorte, como pode ser visto nos seguintes povos: Na Assíria: Ašur, Šin, Shamash, Haddad e Ishtar; Babilônia: Marduk, Tiamat, Bel e Nebo, Ugarit: El, Baal, Anath, Yam e Mot; Pérsia: Ahura Mazda, Ameša Spenta, Spenta Mainiiu,¹¹ Aka Mainiiu und Yazata;¹² Israel: YHWH (Polyjavidismo) e Asherah. Cada cultura e nação possuía seu panteão e suas divindades, as quais eram adoradas monolátricamente. No livro dos reis¹³ podemos observar como as religiões circundantes se relacionavam com YHWH. Conforme D. Edelman, desde que Yehud (Judá) existe (960-586 a. C.), percebia-se um panteão onde YHWH e Asherah são consortes. O título YHWH Zebaoth sugere:

YHWH era o rei de toda uma hoste de seres celestiais que incluía divindades menores, as quais cumpriam suas ordens, com vários graus de autonomia, dependendo de seu *status* dentro da hierarquia maior. Os nomes da maioria dessas várias divindades menores e suas

¹⁰ PIETSCH, Michael. *Die Kultreform Josias. Studien zur Religionsgeschichte Israels in der späten Königszeit.* Forschungen zum Alten Testament, 86. Mohr Siebeck, Tübingen, 2013, p. 321; p. 490.

¹¹ No decorrer do tempo, esta divindade é identificada com Ahura Mazda. CERETI, Carlo Gionvanni, Art. “Zarathustra/Zoroastrismus IV. Geschichte des Zoroastrismus” RGG⁴, Bd.8, Tübingen, Mohr Siebeck, 2005, p. 1783.

¹² Yazata pode apenas significar “entidade/ser”. CERETI, Carlo Gionvanni. Art. “Zarathustra/Zoroastrismus II. Quellen und Grundzüge” RGG⁴, Bd.8, Tübingen, Mohr Siebeck, 2005, p. 1783.

¹³ Cf. 1 Re. 15,13; 18,4; 2 Re. 21,7; 23,4;7.

funções não são mais conhecidos, devido à edição feita por monoteístas posteriormente. Sendo que algumas sobreviveram: Nehustan, Mot, Shemesh, Yareah, Deber e Rephesh.¹⁴

As percepções acima citadas querem nos ajudar a perceber um monoteísmo que contava com visões politeístas. Nos tempos primordiais a cosmovisão religiosa também na Palestina conta com um *Deus regens*, uma divindade que rege e reina, por isso se dá o título de o “rei dos deuses” o que esclarece, quem é a divindade superior e reinante.¹⁵ No entanto, no período persa surge o Termo *Elohe Hashamaym* “como uma categoria abstrata de divindade suprema. Assim, o “monoteísmo inclusivo”, que Thompson definiu, em grande parte, em termos do desenvolvimento do conceito *אלהי השמים*, só começou sob o domínio dos persas”.¹⁶

Thomas Thompson entende sob o termo monoteísmo inclusivo a solução para esta crise, na qual se acha um Nome como denominador comum para a divindade, que no passado era importante e que fora marcada por antigas Tradições. No entanto, quando a nova forma de se chamar Deus “*Elohaya Shamayim*” recebe impulsos, então este novo termo reflete:

[...] percepções relativas que são contingentes geográfica e religiosamente a partir de uma afirmação da realidade suprema que está além da expressão, percepção e compreensão humanas. O título divino reflete uma percepção que está fundamentada nas tradições religiosas de um passado específico.¹⁷

Thomas Thompson é um dos precursores no que diz respeito ao termo “monoteísmo inclusivo”, até pode se afirmar que é ele, a meu ver, quem cunhou este termo. Segundo o autor:

Esse conceito definidor de monoteísmo inclusivo é aquele que encontra seu espaço em esforços para manter as concepções politeístas e henoteístas em termos universalistas. O monoteísmo inclusivo não é primeiramente antagônico ao politeísmo; em vez disso, ele o interpreta e o reestrutura.¹⁸

Na perspectiva de Thompson, o monoteísmo ainda considera tradições religiosas ancestrais de tradições passadas e lhes dá um novo sentido e significado. Ele reestrutura e dá uma

¹⁴ EDELMAN, v. Diana, 1995 “Introduction”, 15-25 in: EDELMAN, D. (ed.). *The Triumph of Elohim: From Yahwisms to Judaisms. Contributions to Biblical Exegesis and theology*, 13. Kampen/Netherlands, Kok Pharos Publishing, 1995, p. 19-20. “Yahweh was king of a whole heavenly host that included lesser deities who did his bidding, having various degrees of autonomy depending upon their status within the larger hierarchy. The names of most of these various lesser deities and their functions are no longer known, due to editing by later monotheists, but a few have survived: Nehustan, Mot, Shemesh, Yareah, Deber and Rephesh” (Tradução do autor).

¹⁵ O exemplo clássico é do texto de Dt 32,8, no qual *El Elyon* é o sumo Deus, o qual dá Israel como parte e nação para YHWH que é uma divindade subordinada, enquanto que no Sl 82 YHWH é o sumo Deus e Juiz sobre as divindades.

¹⁶ EDELMAN 1995, p. 21-22, nota de rodapé 17, onde Thompson sugere que já no tempo neo-babilônico o Termo *Elohe Hashamaym* já estaria em uso, o que, no entanto, não pode ser comprovado; “as an abstract category of supreme deity. Thus, “inclusive monotheism”, “which Thompson has defined in large part in terms of the development of the concept *אלהי השמים*, only began under the persians” (Tradução do autor).

¹⁷ THOMPSON, Thomas L., “The Intellectual Matrix of Early Biblical Narrative. Inclusive Monotheism in Persian Period Palestine.” 107-124 in: EDELMAN, Diana. (Ed.). *The Triumph of Elohim: From Yahwisms to Judaisms. Contributions to Biblical Exegesis and theology*, 13. Kampen/Netherlands, Kok Pharos Publishing 1995, 115. “relative perceptions that are contingent geographically and religiously from an assertion of ultimate reality that is beyond human expression, perception and understanding. The divine title reflects a perception that is grounded in the religious traditions of a specific past (Tradução do autor).

¹⁸ THOMPSON, 1995, p. 116. “This defining concept of inclusive monotheism is one that finds its home in efforts to maintain polytheistic and henotheistic conceptions in universalistic terms. Inclusive Monotheism is not primarily antagonist toward polytheism; instead it interprets and restructures it” (Tradução do autor).

nova interpretação para as antigas religiões e tradições do oriente próximo e do mediterrâneo. Desta forma, uma perspectiva se impôs através de diferentes Tradições, Locais e Nomes. Como De Pury esclarece: O Deus único de Israel era venerado e cultuado por diferentes gerações, por diferentes tempos e sob diferentes nomes para a divindade.¹⁹

Se nos Tempos passados se falava de uma divindade, a qual é “rei sobre as outras divindades, é na época persa que se adota esta forma abstrata para se denominar a divindade sob o espectro *אלהי השמים* (*Elohe Hashamaym*). Para os persas sob o entendimento de que a divindade é *Ahura Mazda*, para os judeus, YHWH, e assim por diante. Com a nomenclatura *אלהים* (*Elohim*) para designar Deus, não precisamos nos dar grande trabalho filológico. *אלהים* (*Elohim*) é uma forma plural, a qual normalmente é traduzida por “Deus” (cf. Gn 1,1), mas que, no entanto, pode designar a nomenclatura “deuses”²⁰ (Cf. Sl 95, 3; 97, 9)!²¹

Edelman argumenta que também Thompson ao definir o termo *אלהי השמים* (*Elohe Hashamaym*), nesta nomenclatura, são incorporados elementos politeístas e henoteístas, de forma que estes elementos específicos e as particularidades das divindades com o passar do tempo foram sendo esquecidos aos serem deixados de lado. Sua argumentação segue:

Como resultado da adoção da nova categoria “Deus dos céus”, *אלהי השמים*, os principais deuses e deusas ativos tendiam a ser agrupados ao casal que constituía a autoridade máxima; as duas camadas superiores do panteão foram fundidas em uma só. O título *אלהי השמים* era usado para designar o chefe masculino do panteão, que agora era entendido especialmente como o criador do universo. A forma plural da palavra deus nesse novo título pode muito bem ser uma tentativa deliberada de expressar as múltiplas manifestações específicas que a categoria abstrata de chefe do panteão poderia assumir.²²

Como dito anteriormente, Thompson é o precursor deste novo conceito que na academia veterotestamentária se denomina de monoteísmo inclusivo. Ele se debruça sobre o termo filologicamente, pois “*Elohim*” é usado para designar o Deus de Israel YHWH, como também pode ser usado para designar os deuses e deusas de outros povos. Quando as pessoas que redigiram os livros, provavelmente oriundos do período persa, como Ed. 1, 1-3 e 2 Cr. 36, 22-23 usam o termo *אלהי השמים* no Edito de Ciro II. Entende-se que a construção do segundo templo se dá sob o poderio de YHWH. Ele, portanto, é o “antigo Deus do estado de Israel, [o qual] encarregou a Ciro para restabelecer seu povo, construindo um templo dedicado a יהוה de Israel, que é Deus em Jerusalém

¹⁹ DE PURY, Albert. *Gottesname, Gottesbezeichnung und Gottes Begriff 'Elohim als Indiz zur Entstehungsgeschichte des Pentateuch*, in: GERTZ, Jan. Christian; SCHMID, Konrad; WITTE, Markus (eds.). *Abschied vom Jahwisten. Die Komposition des Hexateuch in der Jüngsten Diskussion*. Band 315, Berlin/New York, de Gruyter, 2002, p. 36-37.

²⁰ De Pury faz observações detalhadas no campo semântico e gramatical sobre o termo Elohim, DE PURY, 2002, p. 25-47. No entanto, de Pury observa que o termo Elohim não aparece como nome para designar Deus nos profetas maiores (Deutero-Isaías, Jeremias, Ezequiel). Sua argumentação se baseia no fato de que Elohim nestes livros aparece como apelativo determinado com sufixo, com *nomen rectum*, apelativo indeterminado (singular e Plural), etc.

²¹ SCHWANZ, Luiz Temóteo. Dissertação em andamento. Em minha dissertação abordo e discuto o tema “monoteísmo inclusivo” exegeticamente especialmente nestes salmos, p. 37ss.

²² EDELMAN, 1995, p. 22. “As a result of the adoption of the new category “godhead of the heavens”. *אלהי השמים*, the major active gods and goddesses tended to be collapsed into the couple that constituted the highest authority; the two upper tiers of the pantheon came to be merged into one. The title *אלהי השמים* was used to designate the male head of the pantheon, who was now especially conceptualized as the creator of the universe. The plural form of the word for god in this new title might well be a deliberate attempt to express the multiple specific manifestations that the abstract category of head of pantheon could take” (Tradução do autor).

de Judá. Nesse texto, o autor de Esdras 1 expressa um entendimento do povo da província de יהודה não apenas como os sucessores legítimos das tradições de Yahweh que foram negligenciadas ou esquecidas pelo antigo Israel (isto é, Samaria), mas também identifica essas tradições como tradições sobre/a respeito de Deus; isto é, "אלהי השמים".²³

Desta forma *Elohim*,²⁴ é um conceito inclusivo, genérico e abstrato que como nova descoberta para designar a divindade o faz de forma inclusiva e inter-religiosa, a ponto de que a concepção "אלהי השמים" (Deus dos Céus) para os persas seja *Ahura Mazda*, para os Babilônios, Marduk e para os judeus YHWH. Assim como o rei Persa, de qualquer modo é o maioral, do mesmo modo, nesta visão do mundo das religiões, o rei das divindades é *Ahura Mazda* e ele é rei do universo, por isso, o rei supremo dos persas pode ser "ser Babilônio com os babilônios, judeu com os judeus, e sob o domínio do rei Dario, egípcio com os egípcios, porque este está convencido de que nas religiões de seus povos subalternos não pode se manifestar outra divindade, a não ser seu próprio deus dos céus, *Ahura Mazda*."²⁵

As observações gramáticas e filológicas feitas por Thomas Thompson são muito relevantes, porque nelas podem ser fundamentados vários argumentos de o porquê do Termo *Elohim* para designar Deus é tão apreciado. Inclusive até um aparte do saltério (Sl 42-83), no qual, o termo hebraico para denominar Deus, é majoritariamente *Elohim*, ou seja, possui a preferência. Thompson chega à conclusão de que no período persa esta nomenclatura se tornou necessária para fomentar uma espécie de monoteísmo inclusivo. Esta nova concepção para designar a divindade, *Elohim*, atuou em virtude da sobrevivência do próprio *Yahwismo*,²⁶ conquanto que o Deus de Israel recebera uma nova interpretação e um novo sentido e significado. Nem YHWH nem *El*, "the ancient gods of Palestina" – as antigas divindades da Palestina- "sobreviveram" esta nova Perspectiva de inclusão²⁷ em sua singularidade através do "Triumph of Elohim" – Triunfo de Elohim.

Em suma, podemos dizer que o monoteísmo inclusivo na perspectiva da história das religiões é um monoteísmo de certa forma consolidado e assim percebido, mas que no entanto, ainda considera, mesmo que nas camadas do inconsciente coletivo, visões politeístas que em forma e linguagem ainda foram preservados. Esta forma de Monoteísmo inclusivo pode ser percebida na Bíblia hebraica e em nosso texto *Libellus V do corpus Hermeticum* que verificaremos mais de perto.

Monoteísmo inclusivo no texto *Libellus V*

Este texto do *corpus Hermeticum* possui em sua forma e linguagem uma visão monoteísta, a qual reflete a ideia de um único Deus Pai e Criador. O verso 1 como revelando um discurso de

²³ THOMPSON, 1995, p. 116. "Ancient god of the state of Israel, [whose] charges Cyros to reestablish his people by building a temple dedicated to יהוה of Israel, who is God in Jerusalem of Judah. In this text, the autor of Ezra 1 expresses an understanding of the people of the province of יהודה not only as the legitimate successors of the neglected or forgotten Yahweh traditions of ancient Israel (that is, Samaria) but also identifies those traditions as traditions about God; that is, השמים אלהי (Tradução do autor).

²⁴ DE PURY, 2002, p. 36. Elohim é um termo comumente aludido pelo Escrito Sacerdotal (P), que é oriundo da época exílica e pós exílica, concomitante com o período persa.

²⁵ DE PURY, 2002, p. 37. "Babylonier mit den Babyloniern, und Jude mit den Juden, und unter Dareios Ägypter mit den Ägyptern sein, weil er überzeugt ist, dass sich in den Religionen seiner Untergebenen letztlich kein anderer manifestieren kann als sein eigener Gott des Himmels, Ahuramazda" (Tradução do autor).

²⁶ Não devemos esquecer que o Tetragrama יהוה o impronunciável nome de Deus se impôs como tal.

²⁷ THOMPSON, 1995, p. 120.

Deus como o “melhor Nome”, o imanifesto, que para existir precisa se manifestar. No verso 2 vem a primeira sinalização de um monoteísmo inclusivo, pois Hermes diz a Tat que Deus é “Senhor e Pai e Único” - τῷ κυρίῳ καὶ πατρὶ καὶ μόνῳ- ao qual ele deve orar. No entanto, este Deus não é Um, mas que vem do Um. Deus é descrito com a qualidade “grande Deus”. E se há um grande Deus, na perspectiva da história das religiões conta-se com deuses e deusas menores.

No verso 3 Deus é comparado ao sol²⁸ como o “maior deus dos deuses no céu, ao qual todos os deuses celestes se submetem como a um rei e dinasta; e tão grande é esse, o maior que a Terra e o mar; retém, tendo sobre si mesmo as estrelas menores que ele, as quais abrem sulcos para ele passar.”²⁹ Nesta leitura comparativa é inevitável não pensar na concepção de YHWH MLK (YHWH se tornou rei), onde uma divindade maior reina sobre outras divindades menores. Aqui Hermes ao esclarecer para Tat que este Deus é grande e incomparável, ele faz a alusão aos astros. Além disto a cosmovisão nesta afirmação ainda estão preservadas visões de mundo henoteístas, com um deus supremo sobre as outras divindades.

Como bem sabemos na antiguidade, os astros eram como que as divindades ou havia divindades correspondentes para cada astro, o que é possível confirmar em antigos textos egípcios e assírios, por exemplo. Logo o sol é o rei e os astros menores são as divindades subalternas (lua, estrelas). Esta concepção está também presente no antigo Israel, sobretudo sob o conceito “YHWH Zevaot” ou “Senhor dos exércitos”.³⁰ Esta cosmovisão considerava que YHWH é o rei sobre seu exército celestial, muitas vezes associados à astrologia que com o passar do tempo passaram a ser seres menores como anjos e até daimons. Este Verso 3 juntamente com o verso 4, a meu ver possui paralelos com o Texto da Criação do Escrito Sacerdotal (P) Gn 1, 1-2,4; com o Sl. 104 e ainda com o Deutero-Isaías (Is 40, 26;) onde a supremacia do Deus Criador de todas as coisas, ordem e delimitação estão presentes.

O “Manifesto”, ou seja, o ente divino é que se manifesta na Criação, no mundo criado (verso 5). Já o Verso 6 na forma como que de uma maiêutica socrática traz à tona as questões de uma antropologia que me faz lembrar do texto exílico de Ezequiel 37, no qual, o Israel exilado ao retornar, é restaurado como que um corpo esquelético volta a tomar sua forma plena com tendões, músculos através do espírito. Este verso 6 em - última analisa afirma que Deus é, Senhor, Pai e Único quem pode ter criado tudo e também o ser humano com todos estes e tantos detalhes. Além de que a afirmação estética de que Deus criou o ser humano belo/bonito³¹ e que a imagem humana é

²⁸ Segundo J. Holzhausen, provavelmente os astros aqui conforme a Ordem platônica; HOLZHAUSEN, Jens. Tradução para o alemão e comentários. *Das Corpus Hermeticum Deutsch. Übersetzung, Darstellung und Kommentierung in drei Teilen*. Bearbeitet und hergestellt von Carsten Colpe und Jens Holzhausen. Heidelberger Akademie der Wissenschaften, Clavis Pansóphiae, Band 7,1; Stuttgart, HOLZHAUSEN, 1997, p. 54-63; p. 58-59.

²⁹ HERMES TRISMEGISTOS. *Corpus Hermeticum Graecum*. Prefácio, Introdução, Tradução e Glossário Grego Português de David Pessoa de Lira. São Paulo: Cultrix, 2023, p. 152-159.

³⁰ Michael Pietsch chama a atenção neste contexto em sua exegese sob a Reforma cúltica de Josias (2 re 22-23) que o exército celeste ou lit. exército dos céus (כל צבא השמים)-*kol tseva hashamaym*, que é mencionado ao lado de *Ashera* e *Ba'al* em 2Reis 23, 4, é nesta visão o exército celeste se refere, a grosso modo à corpos celestes e astrais, o que pode ser também averiguado tanto na literatura veterotestamentária, quanto em artefatos arqueológicos (PIETSCH, 2013, p. 300-304).

³¹ Digno de nota neste tocante é o que Erich Zenger diz acerca da expressão hebraica *ki tov* (כי טוב), pois esta é a designação estética, uma forma de aprovação “Billigungsformel”. Tudo o que Deus criou não é apenas bom, porém belo, inclusive a luz e a escuridão, dia e noite, (dualismo, típico da religião persa)! Não só a natureza é bonita, mas também o ser humano desde que ele viva em harmonia como criatura “co-criada” e se sabendo como parte deste todo da Criação. ZENGER, Erich. *Gottes Bogen in den Wolken: Untersuchungen zu Komposition und Theologie der*

divina, ou que ao menos a humanidade possui uma imagem ou algo de divino em si (cf. Gn 1, 26-27).

Do verso 6 ao 7 o autor dá um salto de uma visão do Criador do Macrocosmos como os céus para o microcosmos, onde ser humano e todas as suas partes são detalhadamente descritas.³² No verso 7 é salientado, mais uma vez, que o Deus imanifesto é quem só pode ter criado todas estas coisas e ainda o compara com uma mãe ou um pai. Este Deus imanifesto como uma mãe ou um pai é quem criou tudo isto. Já o verso 8 reforça a ideia do Deus que é maior Único e Pai e que Deus é este criador dos céus, da terra, do mar e dos abismos, cuja concepção nos remete à imagem do Deus Criador na cosmovisão judaico-cristã.

O verso 10 deste texto do *corpus hermeticum* é de fundamental importância no que tange ao tema aqui em discussão, a saber: do monoteísmo inclusivo:

Deus é o melhor nome, esse é o imanifesto, esse é o mais manifesto; o visível pela mente, esse é perceptível pelos olhos; esse é o incorpóreo, multicorpóreo, mas principalmente omnicorpóreo. Nada é que ele não é. Pois todas as coisas que existem também ele é, e por isso, ele tem todos os nomes, porque são de Um Único Pai. Então, quem te bendirá abaixo de ti ou em direção a ti? Mas ainda, onde te bendirei, olhando em cima, embaixo, dentro ou fora? Pois não há direção, não há lugar ao redor de ti, nem outra coisa, nenhum dos seres; porém todas as coisas estão em ti, todas as coisas vêm de ti. Tu todas as coisas dás e nada recebes. Pois tens todas as coisas, e nada existe que não tenhas.³³

A visão de Deus neste tratado abarca em si todas as suas contradições como: visibilidade e invisibilidade; espiritualmente entendível e Racionalmente perceptível; incorpóreo e corpóreo.³⁴ Digno de nota é que este dualismo é característico do Mazdaísmo, isto é, Zoroastrismo,³⁵ o qual está também presente no emergente monoteísmo Judaico como em Isaías 45, 5-7. Esta afirmação de que Deus é o melhor nome, o imanifesto, aquele que é visível pela mente e perceptível pelos olhos, e que portanto, é incorpóreo, multicorpóreo e omnicorpóreo remete ao pensamento hebraico da manifestação e presença de Deus como o *Kavod YHWH*. *Kavod YHWH* é a glória de YHWH, presente em textos do Deutero-Isaías (Is 40,5), de Ezequiel e nos escritos do P (Sacerdotal).

Neste tocante, Friedhelm Hartenstein, em seu livro “das Angesichts YHWHs” trabalha esta questão da presença de YHWH na perspectiva de um monoteísmo inclusivo que eu chamo de “*corpus Pantheonicum*”,³⁶ ou seja, YHWH se tornou rei e é rei sobre o panteão, assimilando, inclusive aptidões e formas de divindades anteriores de outras tradições religiosas, mas especialmente de divindades como El, Ba'al,³⁷ etc. Esta glória de YHWH se dá na forma de um

priesterlichen Urgeschichte. Stuttgarter Bibel-Studien (SBS). Band 112, Verlag Katholisches Bibelwerk, Stuttgart, 1983, p. 59-62.

³² HOLZHAUSEN, 1997, p. 55.

³³ Tradução de LIRA, David Pessoa de. *Libellus V*, de Hermes ao Filho Tat.

³⁴ HOLZHAUSEN, 1997, p. 55.

³⁵ STAUSBERG, Michael. *Zoroastrische Unterscheidung*, p. 93-118 in: ASSMANN, Jan & STROHM Harald (eds.). *Echnaton und Zarathustra: Zur Genese und Dynamik des Monotheismus*, München, Wilhelm Fink, 2012, p. 95; p. 93-118.

³⁶ SCHWANZ, Luiz Temóteo. *Inklusiver Monotheismus im perserzeitlichen Yehud*. Dissertação. Augustana-Hochschule, 2023, p. 30ss.

³⁷ SCHMIDT, Werner H. *Königtum Gottes in Ugarit und Israel. Zur Herkunft der Königsprädikation Jahwes*. Beihefte zur Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft. Zweite neu Bearbeitete Auflage, Verlag Alfred Töpelmann, Berlin, 1966, p. 87-91.

Panteão e na forma de uma cena, na qual existe um trono e lá acontece uma audiência,³⁸ na qual uma delegação entrega ofertas e tributos ante a Divindade. Geralmente, segundo Hartenstein, é um ato de prosquínese,³⁹ um ato litúrgico de adoração dentro desta divindade vista imagetivamente em forma de panteão.⁴⁰ O assunto é discutido por mim à luz dos salmos 95, 96 e 97 em minha dissertação doutoral com previsão de publicação em 2026.⁴¹ Conforme os argumentos de F. Hartenstein, este ato de prosquínese se dá no panteão em si mesmo, como uma espécie de Sociomorfismo.⁴² As divindades menores vão e adoram ao Deus-rei, o qual é enaltecido neste panteão.⁴³ Neste ato de adoração ao Deus-rei se dá a manifestação da presença de YHWH, o que nos estudos e na literatura veterotestamentária denomina-se a “Glória de YHWH”.⁴⁴

Quando Hermes fala ao seu Filho Tat, que este Deus Único e Pai e este é perceptível aos olhos, incorpóreo, multicorpóreo e omnicorpóreo é inevitável não se pensar e de se relacionar esta Idea com o *Corpus pantheonicum*, que nada mais é que este Deus que se fez Panteão e tomou uma forma, absorvendo e incluindo todas as tradições com suas respectivas aptidões em si, tornando-se Único. A ideia é de “ein Mentales Bild”⁴⁵ uma figura mental, Deus como uma conceituação mental (cf. *Nous*), exatamente como está descrito neste Texto hermético. Ainda é preciso ressaltar que o autor se vale de um termo estoico, a saber: fantasia (φαντασία), figura de linguagem, imagética que é perceptível e percebida como Objeto espiritual em forma de um corpo,⁴⁶ como perceptivo aos olhos e incorpóreo, ou seja, algo abstrato que poder-se-ia comparar com a Glória de YHWH.

Por outro lado, o fato de o único ter muito corpos, ser multicorpóreo sinaliza a percepção inclusiva desta forma de monoteísmo. Muitas facetas e entidades divinas foram “in-corporadas” na forma abstrata do pensamento e visão do “*Mono*”, um Único. Para isto acontecer, este Mono desintegrou todas as outras percepções e concepções divinas e as integrou em si. Este fato se deu no desenvolvimento do pensamento monoteísta com YHWH e que se dá também na percepção divina de Hermes Trigéstimo.

O fato de ele qualificar Deus como omnicorpóreo nos leva a pensar duas perspectivas: Uma, é de que este corpo de forma virtual está manifestado em tudo. Tudo possui esta corporeidade virtual de Deus consubstanciada em si. Albert Schweizer fala de panteísmo, ou seja, Deus está em tudo. Diferente da forma deísta, onde Deus está no âmbito celestial e que ele se revela

³⁸ HARTENSTEIN, Friedhelm. *Das Angesicht JHWHs: Studien zu seinem höfischen und kultischen Bedeutungshintergrund in den Psalmen und in Exodus 32-34*. Forschung zum Alten Testament, Bd.55, Mohr Siebeck, Tübingen, 2008, p. 24ss; p. 53ss.

³⁹ “προσκύνησις, de πρὸς, *pros*, e κυνέω, *kuneo*, lit. “beijar em direção [a]”) refere-se ao tradicional ato dos antigos persas de prostrar-se diante de uma pessoa de status social mais elevado. No panteão divino, as divindades menores replicam o universo dos seres humanos, no qual elas se prostram diante do Deus-rei.” Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Prosqu%C3%ADnese>. Acesso em: 16 de Out. 2023. HARTENSTEIN, 2008, p. 219; p. 257. Sobre a Prosquínese nos salmos especialmente sob as preposições פָּנִים וּפָנִים (lifne e panim), p. 217.

⁴⁰ HARTENSTEIN, 2008, p. 24ss.

⁴¹ SCHWANZ, 2023, p. 25ss (OBS: como a dissertação ainda está sendo redigida, certamente haverá alteração de páginas correspondentes citadas ao final).

⁴² “Soziomorphismus”; HARTENSTEIN, 2008, p. 25.

⁴³ KOCH, 1991, p. 63ss.

⁴⁴ HARTENSTEIN, Friedhelm. *Exklusiver und Inklusiver Monotheismus: Zum >>Wesen<< der Götter in Deuterocesaja und in den späten Psalmen*, in: “*Ich will dir danken unter den Völkern. Studien zur israelitischen und altorientalischen Gebetsliteratur. Festschrift für Bernd Janowski zum 70. Geburtstag*. Grund, Alexandra; Krüger, Annette & Lipke, Florian (Hg.)”. Gütersloh & München, 2013, p. 212-213.

⁴⁵ HARTENSTEIN, 2008, p. 28ss.

⁴⁶ HOLZHAUSEN, 1997, p. 54.

fora do mundo.⁴⁷ “Nada é que ele não é”, ou seja, a onnipresença de Deus está em tudo, inclusive no “nada”, e por isso ele possui vários nomes. Vários nomes, portanto, é outro elemento que indica um monoteísmo inclusivo, pois este único possui vários nomes, não por ele ser um, mas por ter se tornado *Mono* e absorvido em si várias tradições e se tornado um corpo por meios das multicorporeidades. E para se tronar este “um” as outras divindades tiveram que ser banidas e exiladas para o consciente e subconsciente humanos. Como conseguinte, os vários nomes deste Único: “ele tem todos os nomes”.

Algo semelhante acontece com YHWH no Antigo Testamento, que após um monoteísmo consolidado, se é que o podemos afirmar, onde a divindade é *YHWH, El, Elohim, Shaday, etc.* Diferentes nomes para o único Deus; ou também podemos observar o mesmo fenômeno na epopeia *Gilgamesch*, em *Enuma elish*, cujo relato da Criação, Marduk, depois de vencer Tiamat, recebe 50 nomes; e como se não bastasse, Marduk ainda é chamado de *Kingu*, ou seja *Ea*, com 51 nomes para assim sinalizar que Marduk é sábio como *Ea*, ou que as aptidões ou dons divinos de *Ea/Kingu*, como a sabedoria e a magia foram assimilados por Marduk.⁴⁸

Também no islamismo, para me valer de um exemplo moderno e contemporâneo, *Allah* possui 99⁴⁹ nomes. Estes nomes podem ser amor. *Allah* é amor, misericórdia, etc. As diferentes formas de chamar o transcendente pode ter como pano de fundo uma gama de outras tradições e religiões antigas com vários nomes, que em última análise culminam, neste caso, em *Allah*. O verso 10 conclui que tudo é de Deus, vem para Deus e que ele não necessita de nada. Ou seja, mostra-se a imagem de um Deus mantenedor e autossuficiente.

Ainda em relação ao aspecto de um monoteísmo que inclui e percebe tradições anteriores ou mais tradições deste Deus que se tornou Único, vale o destaque ao verso 11, o qual está escrito em forma de prosa-hínica,⁵⁰ o que favorece o argumento com já dito, visões de mundo henoteístas são compostas e expressadas na forma de um hino.

Mas quando te cantarei hinos? Pois nem hora nem tempo pode te prender. Mas ainda, pelo que cantarei? Pelas coisas que criaste, ou pelas que não criaste? Pelas que manifestaste, ou pelas que ocultaste? E por que eu te cantarei? Como sendo de mim mesmo, como tendo algo próprio, como sendo outro? Pois tu és o que eu for, tu és o que eu fizer, tu és o que eu disser. Pois tu és todas as coisas, e nenhuma outra coisa existe: o que não existe, tu és. Tu és tudo o que tem vindo a ser, tu és tudo que não tem vindo a ser: nous por ser pensado; e Pai por criar; e Deus por operar; e Bom também por fazer todas as coisas.⁵¹ [Pois, deveras, o ar é mais minucioso do que a matéria; e a alma, do que o ar; e a mente, do que a alma; e Deus, do que a mente].⁵²

⁴⁷ SCHWEIZER, Albert. *Gesammelte Werke in fünf Bänden*. (Hrsg.) Rudolf Grabs, Berlin (DDR)1971/ München, 1971/ Buchclub Ex Libris, Zürich, 1974, p. 684.

⁴⁸ Cf. Tabuleta VII, linha 140 da tradução alemã de Hecker do *enuma Elish*. HECKER, Karl, “*Enuma Elish*”, in: JANOWSKI, Bernd; SCHWEMER, Daniel. (Hg.). *Texte aus der Umwelt des Alten Testaments. Neue Folge*, Bd. 8: Weisheitstexte, Mythen und Epen Gütersloh, Gütersloher Verlaghaus, 2015, 601, p. 88-132.

⁴⁹ MAÇANEIRO, Marcial; VIEIRA DOS SANTOS, Ozéias. Os atributos de Deus segundo a teologia clássica muçulmana. *REFLEXUS*. Revista de Teologia e Ciências das Religiões. Ano XVI, n. 27, 2022/1, Vitória, p. 212.

⁵⁰ HOLZHAUSEN, 1997, p. 56.

⁵¹ A discussão é controversa sobre o final deste tratado; J. Holzhausen defende que este tratado encerra aqui “e Bom também por fazer todas as coisas.” E este acréscimo está deslocado, devendo pertencer ao *Corpus Hermeticum* XII 14; Holzhausen 1997, 63. Ao passo que outros como “NORDEN 1923[sic], p. 181” vê o final nestas linhas em colchetes; Norden 1913, p. 181; HOLZHAUSEN, 1997, p. 63.

⁵² Tradução de LIRA, David Pessoa de. *Libellus V*, de Hermes ao Filho Tat.

Em particular este último ponto me chama à atenção no que tange à exegese de religiões comparadas: Uma é o aspecto panteísta, de que a divindade está em tudo e que tudo veio a ser através dele. Até mesmo aquilo que ainda não existe vem a ser, ou seja, existir, através dele, do Único e Pai. Por outro lado, a meu ver a percepção de um Deus criador parece estar emaranhada no pensamento de deus criador no zoroastrismo, a saber: Que a divindade criou tudo primeiramente num mundo das ideias, abstrato (como que no pensamento platônico) e somente depois criou o mundo tal como ele existe.

Neste tocante, no estudo das religiões, a questão é se, se pode falar de uma *creatio ex nihilo*, criação a partir do nada, pois a premissa do pensamento creacional no zoroastrismo é que Ahura Mazda parte de um protótipo de mundo espiritual, o qual ele pensou consigo mesmo (*mēnōy*) e a partir deste mundo imaginário ele cria o mundo corpóreo e físico (*gētīy*), (cf. Gnoli, “Osservazioni” 170-174); Gnoli, ilustra este pensamento metaforicamente com a imagem de uma planta: raízes como o mundo imaginado/espiritual X Frutos: o mundo corpóreo. Consequentemente deveria se falar de uma *creatio ex deo*⁵³ ou ainda em minha opinião uma “*creatio ex spiritus/ ex cogitatio*” caberia bem neste pensamento, no qual a divindade, primeiro pensa o mundo de forma espiritual, abstrata e que depois se transforma no mundo corpóreo.

Este argumento vem a calhar com o pensamento de que este Pai, Único é também o *Nous*. “*nous* por ser pensado; e Pai por criar” assim como o verso descreve Deus. Aqui podemos ver que este Único tem a característica de *Nous* aquele que pensou um mundo, o qual este Pai gera e cria! Além deste Um/*Mono*, ser o *Nous* e o Pai, ele é também descrito por Hermes para Tat, como: “e Deus por operar; e Bom também por fazer todas as coisas.” Este Único Pai é Deus por operar, ou seja, um “*deus agens*” uma divindade que age e que está em ação omnicorporea neste mundo. Ademais Deus é também qualificado como bom e de fazer todas as coisas.

Aqui podemos ver paralelos com a concepção e recepção do “Deus Criador” da cosmovisão judaico-cristã. Um Deus que cria pela Palavra דבר (*davar*), o que também significa “Coisa”; ou que no princípio era o λόγος, ou seja, a Palavra (abstrata) mas que se fez corpórea (Jo 1, 1ss).⁵⁴ Um Deus que criou todas as coisas boas. Tudo (ou seja, as coisas) que *Elohim* criou (P) ele viu que eram boas (*Ki Tov*). Como já mencionado o adjetivo “bom” possui sua insinuação e dimensão estética. Todas as coisas que este Deus (agente), Pai (criador), único (Mono) e pensador (*Nous*) fez, são boas e por conseguinte Deus mesmo é Bom! Assim Hermes Trigestimus conclui seu discurso sobre Deus para seu Filho Tat.

Considerações finais

Em resumo, com toda a discussão acima, ao observar este texto do *corpus hermeticum V*, no qual Hermes fala de Deus que é um, mas não é Um, mas que é Pai, e em sua conclusão em relação as diferentes atribuições à divindade, chega-se ao resultado de que a cosmovisão, na perspectiva das religiões antigas, também neste texto considera e conta com um monoteísmo inclusivo. De fato,

⁵³ HINTZE, Almut. *Monotheismus Zoroastrischer Art*. In: ASSMANN, Jan; STROHM Harald. (Eds.). *Echnaton und Zarathustra: Zur Genese und Dynamik des Monotheismus*, München, Wilhelm Fink, 2012, p. 85-92; p. 63-92.

⁵⁴ BÜCHLI, Jörg. *Der Poimandres: Ein paganisiertes Evangelium. Wissenschaftliche Untersuchungen zum Neuen Testament.2*, Reihe 27, Tübingen, Mohr & Siebeck, 1987, p. 43. O tema é extremamente complexo e não cabe ser aprofundado aqui. Sugiro uma leitura aprofundada do mesmo autor às páginas 41-48.

a linguagem se apresenta como que um monoteísmo consolidado e ontológico. Ao passo que a linguagem e a sugestão da concepção da divindade incluem em si e ainda considera antigas e outras tradições no discurso sobre Deus ou Divindades (*Genitivus Objectivus*) que compartilhava de uma visão de mundo henoteísta. Deus é *Mono*, mas se manifesta de forma *Poly*, ou seja, diversa e ao mesmo tempo como que no inconsciente coletivo abrangesse outras e antigas tradições da história das religiões e visse a divindade desta forma.

A diversidade de tradições e divindades foi banida para o inconsciente humano em detrimento deste UM, que absorveu todas suas “qualidades e dons.” Por isso eu defendo uma visão de monoteísmo inclusivo neste texto. Sobretudo quando se usam elementos comparativos dos astros aplicados ao mundo dos deuses e das deusas, sendo o sol o rei e os astros subalternos e que devem se prostrar em Prosquínese diante deste rei e divindade maior. Uma visão difundida no Antigo Oriente especialmente entre os persas, mesopotâmicos e no Antigo Testamento (Salmos YHWH tornou-se rei (47, 93-99) ou ainda menciona comparativamente aqui o Texto neotestamentário de Filipenses 2, 5-11⁵⁵ com o mesmo tipo de veneração ou algo semelhante no hino cristológico.

O Texto Libellus V de Hermes ao seu Filho Tat do *corpus Hermeticum* é transvestido de um pensamento Mono-teísta, que, no entanto, difunde ideias do mundo contemporâneo do antigo oriente e do mediterrâneo que contam com um panteísmo e até mesmo com um politeísmo absorvido nas qualidades por este Único Deus e Pai, mas que também é *Nous*⁵⁶ e Bom! Portanto o Criador de todas as coisas que existem e que não existem, que são e que ainda não são. O aspecto prosquinético na comparação de o sol ser o maior dos deuses e estes se prostrarem diante dele e de serem consideradas ainda outras e antigas tradições como adoração aos astros só favorecem o fato de que neste aspecto e neste sentido um monoteísmo inclusivo, sob o pano de fundo henoteísta fora fomentado.

Referências

ALBANI, Mathias: Deuterocesajas Monotheismus. in: OEHMING, Manfred; SCHMID, Konrad. *Der eine Gott und die Götter: Polytheismus und Monotheismus im antiken Israel, anhandlungen zur Theologie des Alten und Neuen Testaments*. Band 82, Zürich, 2003, p. 171-201.

ASSMANN, Jan: Monotheismus der Treue. Korrekturen am Konzept der >>mosaischen Unterscheidung<< im Hinblick auf die Beiträge von Marcia Pally und Micha Brumlik. in: SCHIEDER, Rolf. (Org.). *Die Gewalt des einen Gottes*. Die Monotheismus-Debatte zwischen Jan Assmann, Micha Brumlik, Rolf Schieder, Peter Sloterdijk und anderen. Berlin, 2014, p. 249-266.

BOWES, A. Wendell. The basilomorphic conception of deity in Israel and Mesopotamia, in: YOUNGER, Lowson K. e outros. *The biblical canon in comparative perspective*, New York, Edwin Melle Pr, 1991, p. 235-275.

BÜCHLI, Jörg., *Der Poimandres: Ein paganisiertes Evangelium*. Wissenschaftliche Untersuchungen zum Neuen Testament.2. Reihe 27, Tübingen, Mohr & Siebeck, 1987.

⁵⁵ Cf. Is 45.23

⁵⁶ Mente, razão ou intelecto, ou seja, relativo à Pensamento.

CERETI, Carlo Gionvanni, *Art. Zarathustra/Zoroastrismus*. in: RGG4 , Bd.8, Tübingen, Mohr & Siebeck, 2005.

DE PURY, Albert: Gottesname, Gottesbezeichnung und Gottes Begriff 'Elohim als Indiz zur Entstehungsgeschichte des Pentateuch. in: GERTZ, Jan. Christian; SCHMID, Konrad; WITTE, Markus. (Ed.). *Abschied vom Jahwisten. Die Komposition des Hexateuch in der Jüngsten Diskussion*. Band 315, Berlin/New York, de Gruyter, 2002.

EDELMAN, Diana. Introduction. in: EDELMAN, Diana. (Ed.). *The Triumph of Elohim: From Yahwisms to Judaisms*. Contributions to Biblical Exegesis and theology, Band 13. Kampen/Netherlands, Kok Pharos Publishing, 1995, p. 15-25.

FELDMEIER, Reinhard; SPIECKERMANN, Hermann: *Der Gott der Lebendigen. Eine biblische Gotteslehre*. Topoi Biblischer Theologie 1, Tübingen, Mohr & Siebeck, 2011.

HARTENSTEIN, Friedhelm. *Das Angesicht JHWHs: Studien zu seinem höfischen und kultischen Bedeutungshintergrund in den Psalmen und in Exodus 32-34*. Forschung zum Alten Testament, Band.55, Tübingen: Mohr Siebeck, 2008.

HARTENSTEIN, Friedhelm: Exklusiver und Inklusiver Monotheismus: Zum >>Wesen<< der Götter in Deuterjesaja und in den späten Psalmen. in: KRÜGER, Annette; LIPKE, Florian. (Hg.) *Ich will dir danken unter den Völkern*. Studien zur israelitischen und altorientalischen Gebetsliteratur. Festschrift für Bernd Janowski zum 70. Geburtstag. Gütersloh & München, Gütersloher Verlagshaus, 2013.

HECKER, Karl. "Enuma Elisch". In: JANOWSKI, Bernd; SCHWEMER, Daniel. (Hg.), *Texte aus der Umwelt des Alten Testaments*. Neue Folge, Bd. 8: Weisheitstexte, Mythen und Epen. Gütersloh, Gütersloher Verlagshaus, 2015, p. 88-132.

HINZE, Almut: Monotheismus Zoroastrischer Art. In: ASSMANN, Jan & STROHM Harald. (Ed.). *Echnaton und Zarathustra: Zur Genese und Dynamik des Monotheismus*, München, Wilhelm Fink, 2012, p. 63-92.

HOLZHAUSEN, Jens. *Das Corpus Hermeticum Deutsch. Übersetzung. Darstellung und Kommentierung in drei Teilen*. Bearbeitet und hergestellt von Carsten COLPE und Jens HOLZHAUSEN. Heidelberger Akademie der Wissenschaften, Clavis Pansóphiae, Band 7,1; Stuttgart, 1997, p. 54-63.

KEEL, Othmar. *Die Geschichte Jerusalems und die Entstehung des Monotheismus*. Orte und Landschaften der Bibel, Band IV, Teile 1 und 2. Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 2007.

KOCH, Klaus: Die hebräische Sprache zwischen Polytheismus und Monotheismus. in: KOCH, Klaus. *Spuren des hebräischen Denkens*. Band 1. Beiträge zur alttestamentliche Theologie, Gesammelte Aufsätze, Neukirchener-Vluyn, Neukirchener, 1991, p. 25-64.

KOCH, Klaus: Vom Mythos zum Monotheismus im alten Israel. in: KOCH, Klaus. *Der Gott Israels und die Götter des Orients*. Religionsgeschichtliche Studien 2 (FRLANT 216), Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 2007, p. 321-356.

LANG, Bernhardt: Die Jahwe-allein-Bewegung. In: LANG, Bernhardt. *Der einzige Gott. Die Geburt des biblischen Monotheismus*. München, Kösel, 1981, p. 47-83.

HERMES TRISMEGISTOS. *Corpus Hermeticum Graecum*. Prefácio, Introdução, Tradução e Glossário Grego Português de David Pessoa de Lira. São Paulo: Cultrix, 2023. p. 152-159.

MAÇANEIRO, Marcial; VIEIRA DOS SANTOS, Ozéias. Os atributos de Deus segundo a teologia clássica muçulmana. *REFLEXUS*. Revista de Teologia e Ciências das Religiões. Ano XVI, n. 27, 2022/1, Vitória, p. 209-229.

NORDEN, Eduard von. *Agnostos Theos. Untersuchungen zur Formengeschichte religiöser Rede*. Berlin und Leipzig: Teubner, 1913.

PIETSCH, Michael. *Die Kultreform Josias. Studien zur Religionsgeschichte Israels in der späten Königszeit*. Forschungen zum Alten Testament, Band 86. Tübingen, Mohr Siebeck, 2013.

SCHMIDT, Werner H. *Königtum Gottes in Ugarit und Israel*. Zur Herkunft der Königsprädikation Jahwes. Beihefte zur Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft. Zweite neu Bearbeitete Auflage, Berlin, Verlag Alfred Töpelmann, 1966.

SCHWANZ, Luiz Temóteo. *Inklusiver Monotheismus im perserzeitlichen Yehud*. *Dissertação*. Augustana-Hochschule, 2023.

SCHWEIZER, Albert. *Gesammelte Werke in fünf Bänden*. GRABS, Rudolf. (Org.). Berlin (DDR)1971/München, Buchclub Ex Libris, Zürich, 1974.

STOLZ, Fritz. *Einführung in den biblischen Monotheismus*. Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1996.

STAUSBERG, Michael: Zoroastrische Unterscheidung. In: ASSMANN, Jan; STROHM Harald. (Ed.). *Echnaton und Zarathustra: Zur Genese und Dynamik des Monotheismus*, München, Wilhelm Fink, 2012, p. 93-118.

THOMPSON, Thomas L.: The Intellectual Matrix of Early Biblical Narrative. Inclusive Monotheism in Persian Period Palestine. In: EDELMAN, Diana. (Ed.). *The Triumph of Elohim: From Yahwisms to Judaisms*. Contributions to Biblical Exegesis and theology, Band 13. Kampen/Netherlands, Kok Pharos Publishing, 1995, p. 107-124.

Verbete: “Prosquinese” Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Prosqu%C3%ADnese>. Acesso em: 16 de Out. 2023.

VORLÄNDER, Hermann. *Ist Gott gerecht? Theodizee und Monotheismus im Alten Testament unter besonderer Berücksichtigung der Theologie Deuterocesajas*. Band 63. Berlin: Peter Lang, 2020.

ZENGER, Erich. *Gottes Bogen in den Wolken: Untersuchungen zu Komposition und Theologie der priesterlichen Urgeschichte*. Stuttgarter Bibel-Studien (SBS). Band 112, Verlag Katholisches Bibelwerk, Stuttgart, 1983.